This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

PQ
9261
V552
M3

YC152104

6

Marquis de Pontevès Q. de Cabre
Mirabeau

O MARQUEZ DE POMBAL

Á LUZ DA PHILOSOPHIA

ANGELINA VIDAL

O MARQUEZ DE POMBAL

Á LUZ DA PHILOSOPHIA

LISBOA
IMPRENSA DA VIUVA SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 67
1882

GIFT

PQ9261
V552M3

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESCRIPTOR ILLUSTRE

Estamos em pleno jubileo.

Cada época traz o seu cunho caracteristico de exagero, e tristes dos que se affoutam a soltar qualquer nota discordante no concerto da lisonja publica.

No meio d'este anemico paiz vibra ainda uma corda vocal, a ultima — é a maledicencia. Este facto pathologico é porém de modo tal inoffensivo, que minuciosamente estudada a sua etiologia, conclue-se que por unica therapeutica deve applicar-se-lhe o despreso.

Insultar é uma necessidade tão inherente ao organismo patrio, que se o indigena não houvera a quem fazel-o, insultar-se-hia a si mesmo.

Não se combatem principios; oppõem-se abusos a abusos; á communhão da Liberdade não se admittem cerebros livres; tem de annullar-se a consciencia, em honra do opportunismo.

Para ser-se *immortal* pedem-se as credenciaes aos monarchas da opinião, e inscreve-se o pretendente nos

clubs do elogio mutuo; não é economico, porque importa a dignidade dos candidatos; mas custa menos do que fazer-se eleger deputado de qualquer partido.

Eu porém affasto-me dos microscopicos fetiches, para venerar tão só os privilegiados do talento, e tenho bastante valor para arrostar com os desdens do enfatuamento ignaro. Democrata convicta, e evangelisadora do livre exame—em ethica, sciencia, e politica, manifesto amplamente as opiniões do meu espirito, com a altiva independencia de quem se habituou a superar os diques verminosos da sórdida mesquinhez.

Por isso estendo fraternamente a mão ao glorioso mestre da patria lingua, e saúdando o fecundo engenho do athleta da litteratura portugueza, offereço-lhe despretenciosamente estes humildes versos.

Lisboa 30 de abril de 1882.

Angelina Vidal.

I

Um côro de ovações se eleva norte a sul;
No seio do paiz, palpita a festa ingente,
Mil eccos de alegria ondulam pelo azul,
E a vaga popular circula vivamente.

Que enorme vibração aos tristes galvanisa?
Que facto deslumbrante a Patria considera?
Um rasgo de valor que um mundo synthetisa?
Um estro que irradia a Gloria pela esphera?

Um Genio que assombrasse o coração do mundo?
Talvez Dante ou Camões, talvez um Diderot,
Ou Bacon, ou Voltaire o destructor profundo,
Feurbach ou Galileo, Danton, Goethe, Rousseau?

Oh não! A Patria canta o athleta da Realesa,
O Hercules pujante, o pulso sem rival
Que punha até por terra as leis da Naturesa,
Mas que tambem erguia a fama Nacional.

Thuribulisem pois o nome do gigante,
Incensem sem descanço o esteio da corôa,
O facho da instrucção, o genio penetrante,
Que de um montão de cinza ergueu nova Lisboa!

Cantae, Democracia, o espirito do bravo,
Que o nivel fez rolar por sobre a Sociedade,
Prostrando o jesuitismo, ou libertando o escravo,
Quebrando á inquisição as garras da maldade.

Lisonja, ergue a Pombal um hymno de louvores!
Realça o que é brilhante, esconde o que é medonho!
Cerrae a porta á Historia, ó novos pensadores!
O mal não existiu; é falsidade, é sonho!

II

Nove horas; a cidade acorda sob um ceu
De christalino azul, de transparente veu;
Movimenta se a pouco a gente nas viellas,
Adornam-se com arte as donas e donzellas,
E os sinos vão chamando os fervidos catholicos
Aos festejos do templo, e aos canticos symbolicos.

Entoa o padre a missa, e os crentes, com respeito
Se curvam brandamente; habita em cada peito
A prece fervorosa, os orgãos gemem notas
Que fazem palpitar as candidas devotas.
Ha como que um sereno e doce mysticismo
Que leva os corações, em nuvens de idealismo,
Aos páramos do ignoto, aos vagos paradisicos,
Onde a crença cultiva os lirios metaphisicos.

Nas praças, os peões, laboram tristemente,
E n'uma gelosia um vulto sorridente
Espreita cuidadoso ao longo dos caminhos.
Passa ás vezes um nobre envolto em bons arminhos,
E alinham-se na rua, á porta dos conventos,
Os novos com preguiça, e os velhos sem proventos.

De repente porém, um intimo ruido
Se escuta assustador na entranha da cidade!
Depressa lhe succede horrivel alarido,
E um turbido baquear, em toda a extensidade.

Oscilla cada predio, e cahem pelo sólo
Desfeitos como em pó os rijos edificios;
E a misera Lisboa, afflicta, pólo a pólo
Vomita o seu terror, por igneos orificios.

Fogem as mães tremendo, os filhos junto ao seio,
E correm a acolher-se aos templos do Senhor;
Mas eis que ao grande affan do seu materno anceio
Ahi se expõe um quadro escuro e aterrador.

Abobadas cahindo em cima dos altares,
E o padre surpreendido em meio dos cantares,
Sem voz, sem movimento, a par de uma madona
Que ha muito se ostentava em seu painel de lona.
Creanças a chorar, columnas em pedaços,
Soluços do estertor, e aqui e além uns braços
Sob as pedras surgindo e estrebuchando a custo!...

Nas ruas e jardins não é menor o susto.
Rodou rapidamente o nivel da desgraça!
Só resta enorme entulho onde era alegre praça,
E os tectos ao cahir nos crepitantes lumes,
Erguem linguas de fogo, em cálidos queixumes.

Estala o velho tronco ao cedro gigantesco,
E paira em tudo o horror mortifero e dantesco.
E para cumular o quadro de afflicções,
O Tejo, saccudindo os pardos turbilhões,
Devora febrilmente as ruinas rescaldantes,
E lambe o morto, e o vivo, em saltos delirantes,
E abrindo o coração, sedento de vingança,
Abysma o forte, o fraco, o velho, a mãe, a creança!

E como se o terror gerasse a crueldade,
Para opprobrio veraz da crúa humanidade,
No cahos tumulento anda essa immunda plebe
Que rouba, que assassina, e apenas se apercebe,
Sob as nuvens de fumo e pulsações do fogo.

E o rei e o seu ministro?
Accaso n'esse jogo

Da horrifica tormenta, o ceu de azul purissimo
Ousaria esquecer um rei que é *fidelissimo?*
Quem sabe se terão cahido no vaivem?

Salvou-o Jehovah—el-rei estava em Belem?
.....

Depressa chega ali a nova deploravel;
Aterra-se a nobresa; o facto lamentavel
Envolve em lucto e pranto innumeros varões.
Entreolham-se a tremer, e logo as orações
Se elevam para o ceu como espiraes de dôr.
El-rei branco de susto, os filhos com pavor
Percorrem os salões, idiotas e perplexos.

Mas fulgem n'um olhar uns vividos reflexos,
E um vulto erecto e firme encara D. José;
«Marquez, murmura el-rei, castigo de Deus é
«O horrivel cataclysmo! E agora, que afflicção!
«Que havemos de fazer em tal destruição?
«Arde toda a cidade, e estão vasios os portos»
—Salvemos quem viver, demos á terra os mortos.—
Responde friamente o imigo da utopia.

E longe de invocar a Deus ou a Maria,
Expede ordens de cunho e toma arduas medidas,
Alenta sem delonga as perigadas vidas,
Corta os braços á chamma, e tolhe o passo á fome;
Liberta o infeliz da angustia que o consome,
E ahi onde o devasso um roubo perpetrava,
Ahi a forca bruta á morte o condemnava.
.....
Annos depois surgia a nova capital
N'um throno que assentava em bases de christal.

III

Que borburinho é esse? O Porto anda revolto?
Que foi que se passou?
Como é que invade a praça o povo irado e solto,
Se tanto laborou
El-rei, por tel-o em bens e liberdade envolto?

Se ha tanto beneficio, exforços tão visiveis
Em prol da causa publica,
Como podem brotar reprovações sensiveis,
Como é que a ideia nublica
Não acha na Rasão um dique d'impossiveis?

«O povo é desgraçado,» affirma a humana Historia,
«Mataram-lhe o Direito,
«E forçam-n'o a seguir a negra sorte ingloria,
«Calado, contrafeito,
«Pagando sem gosar, tecendo a alheia gloria!»

Um dia, de repente, ergueu-se a reclamar;
A ignara populaça.
O monopolio rouba-a, era mister luctar!
E logo, a plebea raça
Reclama valorosa, em vez de supplicar.

Mas o ministro excelso havia já disposto
Das cousas do alto-Douro;
Vivesse embora a Patria em noute de desgosto.
Os cofres tinham ouro...
Que importa se a Rasão traz lagrimas no rosto?

Por isso se indignou o esteio da Realesa,
E os raios da vingança
Fabrica muito á pressa, e envia com prestesa
Á popular esp'rança
Fundada na intuição das leis da Naturesa.

E após, hórrido insulto á crença humanitaria!
Por um delicto falso
Estende-se no Porto a rede sanguinaria,
E o torpe cadafalso
Arranca friamente a vida ao triste paria!

Creanças sem vigor, rojadas sobre a rua,
Forçaram-se a seguir
O sacrificio immano, onde o valor recua,
E a ver a mãe subir
A via da amargura, e escarnecida e nua!

E um homem venerando, um martyr impolluto
Que a Consciencia chora,
O bom Juiz do Povo, um bravo resoluto,
Sereno como a aurora,
Lá foi tambem lançado á morte, ao chão do lucto!

O que ha que justifique o horror de taes supplicios?
Que espirito medonho,
Não treme ao ver a morte, açoutes, e os exicios?
Não julga quasi um sonho
Que um homem só, profunde infindos precipicios?

Quem ha que não palpite em plena indignação
Olhando um nobre velho
Manchado pela affronta, exposto á impia acção,
Pondo um lastro vermelho,
Na terra onde semeia a intima afflicção.

Quem ha que não suspire, ao ver a mulher casta,
Violada em seu pudor,
Pendida n'uma forca, e desnudada, e gasta
Nas ancias do terror,
Maldita pelo algoz, que á sepultura a arrasta?

Se o Homem fôra um monstro, um tigre em sangue absôrto,
Comquanto fôra filho,
Havia de exprobar ao potentado morto
O mortuario trilho
Que abriu com turvo affan no coração de Porto!

Se a Mãe fosse mais fera ainda que a leôa,
Comquanto fosse Mãe,
Havia de olvidar o astro de Lisboa,
Para escutar além,
O brado perennal que pólo a pólo sôa!

Ahi tens, ó Povo Luso, o heroe que agora incensas;
Proclama-o democrata!
Mas pesa-lhe a injustiça, os odios, e as sentenças
E dize se arrebata
Um nome què traduz as mais crueis offensas!

. . . . . .

E o titan que esmagava assim, rude e febril,
Os braços da nação, os braços productores,
Os ferros destruia ao escravo no Brasil,
E baixava ao commercio os olhos protectores!

Infando laborar! Contradicção tamanha,
Que põe n'um ser vidente um tumultuoso abysmo,
E nos traz á memoria a flórida montanha
Que engendra no seu flanco o igneo paroxismo!

Homem! Dizes-te o ser Supremo do Universo
Quando és synthese só das leis da creação!
És tu quem dás a luz, e estás na sombra immerso,
Proclamas o Progresso, e dás a Destruição!

Exhaures toda a força em busca da Verdade,
Penetras com valor nos seculos remotos,
E quando julgas ver a eterna claridade
Surge-te frente a frente um turbilhão d'ignotos!

Que vezes a inconsciencia ao Genio se avantaja!
Que infrene marulhar na logica dos factos!
E quando a Aspiração em nuvens de ouro viaja,
Ha de chegar emfim aos desenganos latos.

Buscae por toda a esphera a perfeição preclara;
O Sol vigora a planta, o Sol requeima o fructo;
A chuva banha o solo, a chuva innunda a ceara,
A Gloria cria a Fama, a Gloria tece o lucto!

A Ideia rasga a entranha á mãe commum, á Terra,
E tira-lhe do ser, minerio, luz, sustento;
Mas rola sobre o campo o carro eril da Guerra,
E põe um muro espesso em face ao Pensamento.

Os cyclos do passado, erguendo o reposteiro,
Mostram em toda a linha o Bem e a Crueldade;
E o Homem preso á rocha, é destructor e obreiro
Que agora incensa á treva, e logo á Liberdade!

Nos dramas do Universo ha sempre imitações
O facto é perennal, a fórma é transitoria;
Cada época produz idoneas mutações
E ha pontos de contacto a escurecer a Historia.

Se um dia a raça humana attinge os lisos portos
De seus nobres ideaes, então, forte e sublime,
Escalpellando á luz, heroes, fetiches mortos,
Ver-lhe-ha nos corações crescer a flor do crime.

E então, em vez de honrar ministros, generaes,
Em vez de pôr n'um templo os grandes assassinos,
Dará seu preito eterno ás leis universaes,
E á Sciencia e Liberdade os mais sonoros hymnos!

IV

Vem rompendo a manhã, dizem as aves
Seus canticos tranquillos e suaves.
As perolas da aurora, sobre as flôres,
Parecem lamentar ignotas dôres;
E a voz do pegureiro, nas collinas,
De envolta com as phrases purpurinas
Com que o espaço saúda a Humanidade,
Tem um cunho supremo de saudade,
Tem um ecco de angustia tão sentida,
Como a corda de uma harpa, que, partida
Expande pelo ether seus lamentos.

Vem rompendo a manhã, nos movimentos
Dos multiplos anceios luminosos
Que agitam sem cessar a humana arteria,
E transformam as lides da Materia,
Parecem destacar-se uns sons dolosos,
Que a Naturesa arranca das entranhas,
E que vibram no valle e nas montanhas.

E comtudo nos floridos caminhos
Balouçam brandamente os doces ninhos,
E reflectem nas limpidas correntes
As nuvens azuladas, transparentes,
Como um espelho brilhante da Consciencia,
E as varzeas em virente florescencia
Espalham pelo ambiente seus perfumes.

Mas escutam-se ao longe alguns queixumes,
Mas um grande alvoroto se aproxima,
E parece que a aurora desanima,
Que os doces rouxinoes tremem de susto,
E pende a Naturesa o roseo busto!

Quem é que vem então por essa estrada,
Quando apenas desperta a madrugada?
Que significa pois tanto tropel,
Que quer dizer a angustia tão cruel
Que pulsa ahi no seio universal?

É talvez um factor do negro mal,
Algum gigante audaz, filho da noute,
Algum Attila ou Nero, rijo açoute
Das coleras divinas, e illusorias,
Que vem correndo as turvas trajectorias
Do vicio, do rancor, do odio insano,
Até rasgar o peito ao ser humano!

. . . . . .

É um cortejo que segue... quem será!?
Já passam muito perto...
Que numerosos são! Que vejo!... Ah!
Com passo frouxo e incerto
Caminha uma mulher, em desalinho,
Mais pallida que arminho.

De um lado traz o padre, e de outro o algoz
De ventas dilatadas
E a estupida expressão de um ser feroz.
As brancas mãos ligadas,
Veem roxas das auras matutinas,
E das correntes finas.

Cinge-lhe o corpo esvelto a alva infamante
Dos tristes condemnados,
E ás vezes solta um ai tão lancinante,
Que tremem magoados
Os proprios corações mais rancorosos,
E os monstros mais odiosos.

Vem seguida dos filhos e do esposo,
Santissima cohorte
Que vae cahir tambem no seio iroso
Da vingativa morte,
Que o ministro do rei, fero e iracundo,
Arroja sobre o mundo.

Chegam junto do poste; ahi pára tudo.
O algoz, sem mais respeito
Bate no hombro á martyr; fica mudo
O feminino peito,
Varado pela intima agonia
Da infrene tyrannia.

«Levanta essa cabeça, infiel traidora!
Ordena-lhe o carrasco;
«Tu serás a primeira, que és senhora!
E com medonho chasco
Procura, um por um, os instrumentos
Que servem aos tormentos.

«Vê marqueza de Tavora—era a triste!
«Que esplendidas tenazes!
«Sabes quanta virtude aqui persiste?
«São para os teus rapazes.
«Applico-lh'as na cara, mesmo em braza,
«E faço—taboa raza!

«E as torquezes? São rijas de uma vez!
«Agarram como o brèo!
«Hão de arrancar os olhos ao marquez,
«*Meu amo e senhor meu*;
«E emquanto lhe correr o pranto amargo
«Protesto que o não largo!

«Fidalga sem vergonha, olha os cutellos
«Com que eu lhe parto as pernas.
«Agarro-lhes depois pelos cabellos,
«E, lanço-os nas cisternas.
«Porém seu coração traidor, e infausto,
«Dos corvos será pasto.

«Vá! Morre descançada, morre em paz,
«Que eu mato os teus tambem!
«Vão todos para o monstro Satanaz!
«E tu, que és boa mãe,
«Deves nutrir os jubilos eternos
«Por vel-os nos infernos!

«Mas ouve, ouve mais; teu corpo amado,
«Sou eu que o amortalho
«Nos farrapos do opprobrio e do peccado,
«E em cinzas o retalho.
«É para mór despreso demonstrar
«Atiro-as logo ao mar.

«Recae-a em tua fronte todo mal
«Infamia e maldição!
«Sepulte-se n'um torpe lodaçal
«Teu limpido brazão,
«E fique para sempre o nome teu
«Mais vil que o de um judeu!»

A martyr, com a vista erguida ao espaço
Soffria silenciosa.
Rodeia-lhe o pescoço o frio laço
E a victima formosa
E ao ver fugir da vida os aureos brilhos
Só diz «Filhos, meus filhos!...»

Ó mães! Que dôr suprema isto traduz!
Que turbida epopeia!
Ó povo soffredor, fôco de luz
De onde irradia a Ideia,
Medita; o que ha de mais cruento e féro
No coração de um Nero?!

Como é que desce tanto a raça humana?
Como é que um Povo culto
Supporta resignado a mão tyranna
Que lhe arremessa o insulto,
E deixa ir esmagando sob as lousas
As filhas, mães, e esposas?

. . . . . .

Horas depois os martyres morriam
Ás mãos do indigno algoz;
Boatos na cidade percorriam
Porém a plebea voz
Produz-se eternamente no vazio...
Por isso... não se ouviu!

El-rei dava audiencia; ao seu ministro
Fel-o marquez e conde;
O premio era brilhante mas sinistro,
E a Historia ainda esconde
Os prantos que verteu, porque o terror
Suffoca os ais á Dôr!

Comtudo alguma cousa se levanta
A protestar com ancia;
Alguma aspiração sublime e santa,
Em firme reluctancia
Descobre ás gerações os negros rastros
Dos portentosos astros.

E chama-se Consciencia á eterna força,
Que os seculos correndo,
Sem que a linha traçada alguem contorça,
Pharoes vae accendendo
Nos angulos do turvo precipício,
Onde faz ninho o vicio.

Em nome d'essa força que defende
O fraco, o pobre, a creança,
Gigante luminoso que se estende
Da morte á loura esp'rança,
É que eu reprovo a impia atrocidade
Da velha sociedade.

Sou democrata e mãe; procuro um norte
De Liberdade e Gloria;
Acceito essa revolta ardente e forte
Que faz tremer a Historia,
Porém condemno o immano desvario
Que mata a sangue frio!

.....

Que a lei arvóre o facho augusto do Direito,
E vá depois cravar nos intimos do peito
As garras da Inclemencia,
Que a Lei fulmine a infamia e seja mais infame
Que avilte e prostitua, e contra a ignavia clame,
Revolta a sã Consciencia!

Se o misero infeliz que pelas praças dorme
Calcado pela dôr, medita o *crime enorme*
De procurar viver;
Se presa da afflicção divaga pelas ruas,
Sem casa nem familia, ao frio, as costas nuas,
E os prantos a correr;

Se a esposa que implorou á sociedade honesta
Um meio de vencer a fome, e a sorte infesta,
Se encontra repellida;
E para alimentar um filho, irmão ou pae,
Arranca o seu diadema, e sobre as lamas vae
Manchar-se, prostituida,

Se o orphão que vegeta a par do vicio ignobil,
Mais tarde é para o vicio o nauseabundo mobil,
Se rouba e prostitue,
Como ousa revoltar-se a sociedade vil,
Se é ella quem provoca, e desbragada e hostil,
Perverte e não instrue?

Que pensamento assiste aos monstruosos codigos?
Se os papas, deuses, reis, no crime hão de ser prodigos,
Como é que a lei castiga
Um ser vidente e bom, que aclara a escuridão
Com o facho viril da leal Revolução?
Como é que a Lei intriga?

Como é que ella protege o roubador agiota,
E arrasta na enxovia o desgraçado illota
Que a fome fez baquear
Nos pelagos do mal? Ó sociedade absurda!
Á voz da Naturesa, a lei ha de ser surda
E o odio ha de julgar!

. . . . . .

Matar uma mulher que é mãe, que é democrata,
Assassinar sem dó a esposa aristocrata,
Junto dos filhos seus,
É por egual cruel, é por egual maldito!
E havia de fazer chorar todo o infinito,
Se acaso houvera um Deus!

Por mim, que offerto o culto ao que é sereno e puro,
Que adoro o Bem sublime, e odeio quanto é duro,
Que não conheço a fé,
Protesto contra a morte infausta de Antonietta,
De Sophia, Leonor, Rolland, gentil athleta,
De Tavora e Corday!

A mão que referenda o crime da injustiça,
Quando podia erguer da deleteria liça
Um sol ou um jasmim,
Assigna, sem pensar, o perennal deslustre
De um seculo, de um nome. ou de um paiz illustre,
Da Humanidade emfim!

V

Como ha de pois a Historia olhar esse Gigante,
Que tinha em si a morte, o Bem, a luz e o crime?
Que ora se eleva a um mundo altivo e coruscante
E logo gera um mal que a Gloria não redime?
Elle era um diplomata, um patriota, um merito,
Podia ser tambem um nobre benemerito
Levando o Povo Luso ás concepções do Justo,
Se em vez de ser feroz, de ter um genio adusto
Voltasse ao sentimento um coração suave.

Julgou que ser tyranno era o mister mais grave
Do ministro de um rei!
Fez um docel de sangue ao tribunal da Lei,
Poz um manto de lucto aos hombros da Justiça,
Pisou raivoso ó clero, e foi ouvir-lhe a missa,
E como affirmação da ideia monarchista
Dos nobres ao plebeu traçou a rubra lista.

Como ha de pois a Historia olhar o athleta ousado?

Pesando com criterio os factos do passado,
Seguindo passo a passo o luminoso accesso
Da Sciencia e do Progresso.

. . . . . .

Ha muito que na Europa o sopro percorria
Da clara discussão da sã philosophia.
Desde o seculo doze, a duvida christã,
Buscava escalpellar o craneo de Satan.
Pierre d'Abelard examinara a crença,
E via já na fé uma utopia immensa.
Breve, Thomaz d'Aquino, imigo da Rasão,
Antepunha ao Progresso a fera inquisição.
Mas Bacon, um titan, repelle a fé-cahotica,
E dando luz á Optica
Recebe uma intuição da Sciencia positiva.
Então larga a rotina, e só na lide activa

Depoz a base firme á ideia demonstravel.
Foi elle um ser vidente, e concebeu provavel,
Toda a gloria vindoura; em seu nobre labor
Meditava o progresso enorme do vapor;
Mas como em sua frente a infamia não assoma,
Foi um martyr da Sciencia, e victima de Roma,
A eterna desbragada, a eterna prostituta
Que as gerações enlucta.

Mas o germen vingou; surgiu em breve a imprensa,
Excelso meteóro, a realidade immensa
Que faz de Guttemberg um centro luminoso!
Ia baquear em terra um deus medonho e iroso;
Ia a Ideia pulsar na mente e força do Homem!
E como as trevas somem
Os raios de um bom sol, assim o novo invento
Abria par em par a estrada ao Pensamento!

O Genio eternisava em breve a Pomponace,
E o forte Rabelais batia face a face
A escolastica, e a lei theocratica e politica,
Bem como o abuso annexo á concepção juridica.

A Patria lusitana, a joia do Occidente
Á Europa mostra então o poeta Gil Vicente,
Que açouta o clero hostil com látegos de risos,
E nem sequer poupando os *santos paraisos*.
Na praça era o judeu sujeito a atrocidades;
Na côrte, D. Manuel escarnecia os frades.

Havia pois de um lado a força da rotina
E do outro a Ideia incuba a preparar a ruina.

Mas n'isto um sobresalto os cerebros sacode,
Roma chega raivosa, e vê que nada póde.
Copernico affirmava a terrea rotação,
Perdia o seu prestigio a *santa* religião!
Forçoso era impedir a affronta d'essa Idéa!
O sabio ponderou, que outr'ora na Chaldéa
Se havia já mostrado o movimento á Terra;
Porém a Curia segue em furibunda guerra,
E condemnou-lhe a obra.

Mas eis um luctador que a força audaz redobra,
E com coragem fria
Procura no infinito as leis da astronomia,
Inventa o telescopio e applica-o logo ao ceu.

E o mundo olha assombrado o insigne Galileu,
Que segue passo a passo
O trajecto eternal dos mundos pelo espaço.

Se ha nome que de Gloria esplenda no universo,
É o d'esse velho nobre
Que o clero punge e arrasta, em dôr, e pranto immerso,
Mas que ao Genio descobre
A esteira do futuro, a via dos heroes
Que põem no Progresso os rubidos pharoes!

A quéda do Oriente, estremecer convulso
Havia dado á Ideia um vigoroso impulso,
Civilisando a mente e pondo em toda a parte
O gosto da Poesia, e pelos brilhos da arte.
Então o aureo paiz dos inclitos varões
Produz um sol gigante o esplendido CAMÕES,
A synthese do Genio, um estro democrata
Assombro dos Ideaes, talento que arrebata!

Que bella actividade! Um cyclo era uma escola
De sublimado intento!...
Porém vê-se descer o manto de Loyola
Por cima d'esse advento,
E logo a aurora cae nas garras do terror,
E logo a humana gloria exprime no estertor
Que a prostra um assassino!

Comtudo avança o Bem! Luthero, Huss e Calvino
Feriram mortalmente
O abuso, a tyrannia e o repugnante agente
Das penas infernaes,
Geradas no rancor das hyenas clericaes.

A lucta assim travada é turbulenta e audaz!
De um lado impera altivo o monstro Satanaz.

E do outro a aspiração das comprovadas cousas.
A aurora veste lucto, a terra veste lousas,
E o sangue corre a flux no precipicio escuro...

Mas elle fecundou os germens do Futuro!
.....

Keppler, Newton, Brahé, tinham desfeito o mytho
Da creação divina; os livros do infinito
Já tinham revelado, em phrases de planetas
Da grande lei siderea as deslumbrantes metas.

Descartes ampliára as lucidas conquistas
E profundára o abysmo ás vãs ficções deistas;
E como o jesuitismo erguesse um throno ao mal,
Surgiu-lhe o valoroso e hostil Blaise Pascal,
Com satyra cortante e lucido criterio,
Traçando-lhe no Tempo o eterno cemiterio.

Desfibrava-se a pouco a lenda theologica,
E punha-se a attenção na historia geologica,
Gognet, Jussieu, Buffon, tinham rasgado a entranha
No valle, e na montanha,
Á esphera onde se agita o Genio e o desatino.
Seguiram-lhe o trajecto um Pallas e Arduino,
E todos, sem sentir,
Fizeram o passado esmorecer, ruir.

A antiga historia china oppunha-se á utopia
Da lenda de Moysés; a sciencia cada dia
Os cerebros levava á nova experiencia,
Que em breve provaria á forte intelligencia
A historia da Materia
No mar, na vida, e morte, e sons, e luz etherea.
.....
Brotava na Consciencia a aspiração politica;
Deixara a Inglaterra a fórmula mephitica,
E em todos os sentidos
Se pressentiam já os turbidos ruidos.
Voltaire e Diderot entravam no futuro
Desmoronando o muro

Que ainda protegia a treva e o fanatismo.
Ficou pois fulminada a crença e o mysticismo!
Nenhum abrigo havia aos golpes do alvião
Vibrados pela firme e rija Evolução.
Os reis, mesmo a sorrir abriam o jazigo,
Onde ia sepultar-se o clero, o seu amigo,
Sem verem que aluida a base do edificio
Que tem por cima o odio, e em baixo o precipicio,
Desaba fatalmente em multiplas hastilhas.

Tinham sulcado o oceano as portuguezas quilhas,
E o genio dos heroes deixara esteiras certas
Á bella exploração das ricas descobertas.
No clima luxuriante, e terras do Equador
Eram a flóra e fauna os ninhos do esplendor,
E o Homem que estudava, o Homem já sabia
Que Deus era ignorante, e muito, em Geographia.
.....
N'este mar revoltoso é que se eleva o homem
Que uns coroam de luz, outros na campa somem!

VI

O marquez de Pombal, producto do seu meio,
Trazia na Consciencia o salutar anceio
Das santas cousas bellas.
Mas um facto mental, o facto do attavismo,
Acorrentava-o sempre ao velho despotismo
Dos thronos e das cellas.

A corrente soprada além, da heroica França,
Fazia-lhe pulsar a magestosa esp'rança
Das creações mais caras;
Porém n'esse combate imigo do Direito,
Cedia tristemente á voz do Preconceito,
E ás perversões ignaras.

Demonstra-o fartamente o proceder confuso
Com que arrojava ao Povo um turbilhão diffuso

De mortes e afflicção,
Curando juntamente, e com visivel gloria,
De lhe aplainar a rude e fria trajectoria,
Por meio da instrucção.

Affirma-o sem rodeio o manifesto empenho
Com que guerreou Bocage, o sublimado engenho
Do seculo passado,
Por seus bellos ideaes, modernos e atheistas,
Expostos com vigor, e com profundas vistas
De um espirito avançado.

Comprova-o a friesa usada com Fylinto
Que longe do seu ninho, o doce riso extincto,
Chorava, em lyra de ouro,
As ruinas da ventura, o azul do patrio lar,
As aguas do Mondego, e as vibrações do luar
Entre os jasmins e o louro.

A ethopéa social dos seculos transactos,
Reflecte-se e vigora em seus funestos actos.
Fluctua sem cessar seu espirito viril,
Que ora se eleva ao bello, ora se entrega ao vil.
Mas n'elle transparece uma tendencia rude
Que punge a leal Virtude!

A statica mental aperta-o pelos pulsos;
E a dynamica então imprime-lhe os impulsos
Da progressiva lida;
E assim n'este vaivem lhe corre toda a vida.

Porém quando abordou á estancia derradeira
Deixava atraz de si a sanguinosa esteira,
Onde o espectro do pobre, e justo, e velho, e creança
Reclamam com vigor criterio e segurança
Ao tribunal da Historia, onde serão julgados
Os sabios, os heroes, os reis e os scelerados.

. . . . . .

Tenho attacado o clero, aspiro á excelsa luz,
Detesto o ignobil lenho, e sinto por Jesus
O affecto que daria a irmão, se irmão tivera,
Venero o positivo, e nunca a van chimera.

Meus filhos, castos soes, o meu thesouro immenso,
Por quem me sinto grande, a quem adoro e incenso,
As heras infantis que enleio na Consciencia,
A força que me impelle á lucta da inclemencia
Que aqui, n'este paiz de cousas pequeninas
Odeia a quem cultiva as rosas christalinas
No coração do Bem, Progresso e Liberdade,
Seguem a religião do Justo e da Verdade,
E a sua crença ideal,
Resume-se no amor do seu sentir filial.

Mas tendo a mente forte e despresando os idolos,
E combatendo firme os monumentos frivolos,
Politico-sociaes,
Revoltam-me a Consciencia os actos tão brutaes
Da vida do marquez,
E vejo com tristesa o nome portuguez
Coberto pelo horror,
Quando podia ser um foco de explendor.

A queda do jesuita é justa, é rasoavel;
Expulsa essa barreira imiga insuperavel,
Podia a sociedade erguer-se da ignorancia,
Dormir em paz a Mãe, sorrir a loura infancia
Ao Pensamento novo, á santa aspiração!

É digno de louvor quebrar á inquisição
Os braços da vingança a ira da torpesa.

Mas cobrem-se de lucto as leis da Naturesa,
Mas ouve-se um protesto, a palpitar fremente,
Ao ver, cheio de affronta, um martyr impotente,
Rojado pelo chão, manchado pela lama!
E pelas nações clama
A Ideia humanitaria, amena, e justiceira,
Vendo arrojar um ente á estupida fogueira!

E embora fosse um padre, embora um jesuita,
Embora fosse irmão da raça atroz, precita,
A minha voz sentida
Protesta contra a morte imposta a Malagrida!

Protesto! E emquanto houver
Um coração de luz em peito de mulher,
Meu brado ha de correr nos angulos do mundo,
E em todo o mar fecundo!

VII

Que se ha de então fazer aos grandes luctadores,
Que lançam sobre a Historia as olorosas flores,
E regam com seu sangue os fructos do porvir?
Que fontes de esplendor iremos nós abrir
Ao vidente Danton, a Lincoln, a Blanqui,
O martyr que sorri
Por entre a cerração da noute do tormento?
Que havemos de offertar aos soes do Pensamento?

Nunca apoiei Thiers, nem o chacal da Russia!
Detesto a immanidade, e a vingativa astucia...
O sangue da Communa, as lagrimas de Jessa,
Formaram no silencio a fulgida cabeça
Da indomavel revolta!

O monstro que commanda, em meio de uma escolta
As manobras crueis que geram a orphandade,
É mais feroz que um tigre, e avilta a Humanidade,
E deve ter na mente
A infamia de Javheh, e os odios da serpente.

Como hei de eu incensar a monarchista treva?
Como hei de então louvar um ser de fronte seva?
Pombal beijou a patria, e espedaçou-lhe o seio;
Fez guerra ao Preconceito, e prostergou o anceio
Dos crentes do porvir!
Levou seu nome á Gloria, e fel-o após cahir.

No sangue inda escorrega
Quem segue a lusa historia. A sã Justiça nega
Um preito, a quem desdenha a humanitaria via,
E lança a Liberdade ás palhas da enxovia.

Fique acima de tudo o limpido criterio;
Formar uma cidade onde era um cemiterio
Seria expôr a vida aos morbidos prejuizos.
Vasar em molde infiel historicos juizos
Será viciar tambem o pensamento ao Povo.

Justiça! Ha de o vindouro escalpellar de novo
A nossa actividade; e então... tremendo encargo!
Ou ha de ter no peito um sentimento amargo
Ou ha de achar mesquinha a obra dos avós!

Salvemos o Futuro, e que elle creia em nós!

FIM

ℓ

Gaylord
PAMPHLET BINDER
Syracuse, N. Y.
Stockton, Calif.